

Transformações urbanas e ambientais: uma reflexão sobre as mudanças sentidas em Imbituba – SC

Guilherme Teixeira¹, Karolyna Marin Herrera²

RESUMO

Este artigo aborda o tema urbanização e meio ambiente, enfocando as transformações sentidas nas cidades litorâneas na virada do milênio, principalmente na cidade de Imbituba - SC, localizada no litoral sul do Estado. O objetivo é investigar os principais impactos ambientais sofridos nas últimas décadas nas lagoas de Ibiraquera, Imbituba - SC. A metodologia da análise se deu através de referencial teórico e fontes orais (entrevistas com moradores e pescadores do entorno das lagoas). O trabalho conclui que as transformações nas paisagens bem como as modificações econômicas ocorridas após a chegada do turismo e os impactos ambientais causados pelo criadouro do camarão na região lagunar no bairro de Ibiraquera, ocasionou escassez dos recursos naturais e as alterações da biodiversidade local.

Palavras- Chave: Meio ambiente. Urbanização. Economia de subsistência. Impactos ambientais.

ABSTRACT

This article approaches urbanization and the environment subject, focusing on the transformations felt in coastal cities at the turn of the millennium, mainly in the city of Imbituba – State of Santa Catarina, located on the southern coast of the State of Santa Catarina. The principal objective is to investigate the main environmental impacts suffered in the last decades in the lagoons of the hood Ibiraquera, in the city of Imbituba - SC. The methodology of the analysis was based on theoretical references and spoken sources (interviews with residents and fishermen around the lakes). This is a qualitative research, as the interviewees showed concern about the economic and socio-environmental transformations that occurred in the place. The work concludes that the transformations in the landscapes as well as the economic changes that occurred after the arrival of tourism and, consequently, the environmental impacts caused by the shrimp breeding in the lagoon region in the neighborhood of Ibiraquera, caused scarcity of natural resources and changes in local biodiversity.

KEYWORDS: Environment. Urbanization. Subsistence economy. Environmental impacts.

INTRODUÇÃO

¹ Acadêmico e-mail: guilherme.teixeira09@gmail.com. Acadêmico do Curso de Agronomia do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina - Rod. Admar Gonzaga, 1346, Bairro Itacorubi, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

² Professora e-mail: karolyna.herrera@ufsc.br, Associado, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina. Rod. Admar Gonzaga, 1346, Bairro Itacorubi, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

Partindo de uma experiência particular de envolvimento direto na comunidade de Ibiraquera localizada no município de Imbituba - SC, como morador local e descendente de família de pescadores, e em diálogo com o campo de reflexão no qual se inscreve a temática mais ampla das questões ambientais, procuro, com este trabalho, entender/investigar os principais impactos socioambientais sofridos nas últimas décadas nas águas lagunares de Ibiraquera.

Objetivamente, pretendo analisar, através das memórias de pescadores, de moradores locais e de referenciais bibliográficos, os impactos que a urbanização e o cultivo do camarão de cativeiro provocam nas águas das lagoas, impactando a socioeconomia, o meio ambiente e a vida local dos moradores da região.

Ibiraquera era uma pequena vila de pescadores e plantadores de mandioca. A principal fonte de alimentos era o pescado, farinha e a criação de animais para consumo, ou seja, uma economia de caráter familiar. A situação de moradia foi mencionada por Seixas, (1999, p. 11), “eram casas muito precárias, algumas feitas de pau-a-pique e cobertas de palha. Fogão era só a lenha, e colchão era feito de marcela ou pluma”.

Os moradores locais dividiam seu espaço de pertencimento entre a roça, lagoa e o mar, dormiam cedo para no outro dia continuar na lida. O sacrifício era uma constante em seu dia a dia, pois tudo era adquirido através de muitos sonhos, esforço e trabalho.

A urbanização nas cidades litorâneas nas últimas décadas produz enormes transformações culturais, sociais e principalmente ambientais. Imbituba enfrenta e convive cotidianamente com esses impactos. Segundo Valentin (2007, p. 139):

A partir de 1980 acelerou-se o turismo. Com a instalação de imobiliárias surgiram novos loteamentos, construíram-se condomínios e muitas casas de moradia. Para atender a demanda teve que ser ampliado o comércio de material de construção e a rede hoteleira que por sinal, continua progredindo bastante.

Diante deste cenário, torna-se urgente o debate científico, técnico e empírico acerca dos impactos socioambientais que as águas das lagoas de Ibiraquera sofrem com o crescimento populacional, urbano, industrial, turístico e com a carcinicultura que, segundo os depoimentos

dos pescadores locais, é um dos fatores que mais impacta a biodiversidade das lagoas de Ibiraquera.

Decorre daí a importância desse estudo, capaz de possibilitar o debate acerca dos problemas ambientais e sociais da região lagunar. Além disso, o trabalho de pesquisa estabeleceu um diálogo íntimo entre os moradores locais e suas memórias, o que possibilitou o entendimento das transformações da biodiversidade local. Sob o ponto de vista metodológico e da escolha de fontes empíricas e bibliográficas, as opções se originaram a partir do gradual amadurecimento teórico adquirido ao longo do Curso de Agronomia realizado na Universidade Federal do Estado de Santa Catarina – UFSC, e das experiências vividas junto aos moradores locais do entorno das lagoas.

A análise da pesquisa ocorreu através de referencial teórico e fontes orais (entrevistas com moradores e pescadores do entorno das lagoas), que será abordado na seção correspondente a caracterização da pesquisa.

No decorrer desta pesquisa estão presentes, ainda, diferentes vozes acerca da construção do processo de desenvolvimento histórico de Ibiraquera. Esses discursos, memórias e narrativas perpassam o documental. A história social, econômica e ambiental dessa comunidade só é possível de ser relatada e conhecida se observamos e considerarmos uma relação intrínseca entre a história oficial documental e os registros orais da comunidade, “nessa dinâmica, memórias coletivas encontram-se, fundem-se e se constituem como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico” (DELGADO, 2006, p. 16).

A partir dessa percepção, e em diálogo com a produção acadêmica pertinente ao tema, desdobraremos o objetivo maior em outras questões que se interconectam: Imbituba e a colonização açoriana; as transformações da região de Imbituba, de comunidade agrícola e pesqueira a ponto turístico; os impactos ambientais provocados pela carcinicultura que merecem atenção dos poderes públicos em suas variadas instâncias.

2. Breve história da ocupação do território catarinense

O estudo faz uma breve descrição acerca da história do povoamento do litoral catarinense, visando compreender a formação histórica e cultural de Santa Catarina a partir da chegada dos europeus. Entender as relações sociais e socioculturais da sociedade catarinense

implica em conhecermos a cultura e a perspectiva histórica dos nativos até a presença dos colonizadores.

Pensar no passado é adentrar num cenário “de lutas entre nativos e brancos, resultando posteriormente em expansão do território catarinense” (KNORST, 2011, p. 08). Com o passar dos anos o litoral catarinense foi sendo habitado, surgindo assim inúmeras cidades.

No caso da cidade de Imbituba é importante que não se perca de vista seu referencial cultural, já que a cidade se transformou em um polo turístico, atraindo visitantes e moradores fixos de diversos lugares, em especial gaúchos, com uma cultura diferente, o que vem fazendo com que a cultura local se diversifique (DAMÁZIO, 2011).

O processo histórico de colonização do Estado de Santa Catarina apresenta características específicas ao longo dos tempos, “antes dos colonizadores espanhóis e portugueses chegarem às terras catarinenses, eram os índios Carijós que habitavam a região”, (VALENTIN, 2007, p. 13). Não é possível fazer um levantamento da quantidade de nativos que habitavam o litoral, mas subentende-se que milhares formavam suas comunidades e viviam sua cultura, difundindo-se em inúmeras línguas e costumes que mais tarde foram influenciados por outras culturas, (LUCIANO, 2006).

Os dados históricos indicam que a ocupação populacional de origem europeia e o desenvolvimento econômico do Estado de Santa Catarina “processaram-se de forma bastante lenta, a partir de meados do século XVII, acelerando-se na segunda metade do século XIX e explodindo a partir de meados do século XX” (FARIAS, 2001, p. 370 - 371).

De acordo com Knorst (2011), somente mais tarde, no século XVIII é que foram fundadas povoações por pessoas vindas da capitania de São Vicente, os chamados vicentistas. Ainda, segundo o autor supracitado, esses conquistadores percorreram o sul do Brasil em busca de ouro e metais preciosos, busca de território e aprisionando índios para trabalhar em suas lavouras. O autor ressalta é que neste período,

Os bandeirantes eram homens de influência muito grande na capitania de São Vicente, geralmente senhores de engenho, comerciantes e donos de minas. Organizaram várias bandeiras pelo território brasileiro, sempre com o objetivo de buscar novos lucros, tanto na caça aos nativos, quanto na busca de metais preciosos. Quando organizaram uma bandeira para a região sulina do Brasil, focaram no extermínio do nativo nas terras catarinenses, (KNORST, 2011, p. 200).

No período que compreende 1748 a 1756, foram trazidos a Santa Catarina aproximadamente seis mil açorianos e mais de meia centena de madeirenses ocupando desde São Francisco do Sul até os limites de Laguna, penetrando no Rio Grande do Sul. Os casais açorianos, ao chegarem em Desterro, vinham como parte de uma política de ocupação sistemática do sul do Brasil. Após as longas viagens, era assegurado aos viajantes condições mínimas de instalação, transferindo-os para os locais definitivos de moradia, (FARIAS, 2001).

A partir de 1748, vários núcleos denominados freguesias, foram fundados pelos açorianos, Piazza, (1994) destaca que:

... as “freguesias” de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa na Ilha de Santa Catarina, de São Miguel da terra firme e de N. Sra. Do Rosário de Enseada de Brito, também no continente. Estas no ano de 1750. No ano de 1751 [...] a de N. S. José da Terra Firme, no de 1752, a de Vila Nova e Sant’Ana do Mirim, e no ano de 1755 a de N. Sra. da Necessidade e Santo António, também na Ilha de Santa Catarina, (PIAZZA, 1994, p. 46).

Após a fundação de Laguna, pescadores e agricultores açorianos subiram ao Norte da região para explorarem a pesca e terras aráveis. Em 1715, com a expedição vicentista do Capitão Manoel Gonçalves de Aguiar, Imbituba foi fundada, sendo recomendada à construção de uma Armação destinada à pesca da baleia. De acordo com Farias (2001, p. 511), “o nome Imbituba é formado por duas palavras de origem indígena: Imbé que é o nome de uma planta com folhas largas: Tuba que significa abundância. Desta forma, Imbituba significa local de grande quantidade de Imbé”.

Em 1796, fundou-se uma armação baleeira em Imbituba complementar à criada no ano anterior em Garopaba. Seria a quarta instalada no Brasil, dando à pesca da baleia o status de primeira grande fonte de renda para a localidade.

O desenvolvimento das atividades de caça à baleia e o surgimento do porto Henrique Lage, ligado via ferrovia com Criciúma (região Carbonífera), faz surgir um vilarejo de pescadores e estivadores que rapidamente se torna um polo centralizador da área.

O porto de Imbituba foi instalado na mesma enseada da armação baleeira. Durante quarenta anos aproximadamente as duas atividades conviveram juntas na Praia do Porto, mas viviam momentos distintos, nas quais um estava em

fase de decadência, e o outro estava em ascensão. A estrada de ferro marcou muito bem esta separação, delimitando os espaços e os tempos de cada um. (NEU, 2003, p. 35).

Imbituba com o passar do tempo foi ganhando uma nova “cara”, muitas pessoas foram atraídas pelas atividades portuárias, comerciais, como também agricultura e pesca. No ano de 1912, através da Lei nº 238, foi transferida a sede do Distrito de Vila Nova para Imbituba. As atividades agropecuárias e pesqueiras no município se permaneceram fortes, mesmo com as transformações na sua base econômica, devido a presença do porto e das indústrias que foram se instalando em Imbituba. Segundo Bueno (2006, p. 27):

A urbanização e o turismo, surgindo simultaneamente no espaço e no tempo, formam um processo conhecido como urbano-turístico que, ao se expandir, se apresenta como o principal vetor das profundas alterações no território e na paisagem que a cidade vem conhecendo.

A partir do final do século XX, as transformações econômicas, socioambientais em Imbituba provocaram processos de urbanização, desenvolvendo-se paralelamente à atividade turística, no entanto, esse é um processo recorrente em diferentes lugares, não só Imbituba sofreu esta transformação, uma vez que o lazer e o bem-estar se tornaram proeminente a partir do crescimento exacerbado das grandes cidades do litoral catarinense.

2.1 Mudanças nas paisagens: de uma economia de subsistência a cidade turística

A partir da década de 1980 uma nova história passa ser desenhada em todo litoral catarinense, Imbituba ganha destaque com o surgimento do turismo. Segundo Damázio (2011, p. 507):

O turismo coloca-se, muitas vezes, como única possibilidade de desenvolvimento econômico para um lugar, [...] mas, muitas vezes, também, submete as populações locais a uma ordem externa, desarticulando culturas tradicionais, como é o caso da região do entorno da Lagoa de Ibiraquera.

A comunidade de Ibraquera é rodeada por lagoas e mares, sendo as lagoas e a Praia do Rosa pontos turísticos de destaque no Município. Até a década de 1980 a comunidade era rural, as famílias viviam principalmente de uma economia de subsistência, baseada na pesca artesanal nas lagoas e nas praias, lavoura de mandioca, milho, feijão entre outras culturas de plantio, juntamente com a criação de animais. A farinha de mandioca era produzida utilizando os engenhos manuais e a força animal. A maior parte da produção era destinada ao consumo anual das famílias e o excedente era vendido para o comércio local. Havia um comércio de secos e molhados, chamados de ‘vendas’.

Como a maioria do litoral do Estado de Santa Catarina foi colonizado por açorianos, Imbituba é representada, também, por essa cultura. Lembramos que os açorianos juntamente com os indígenas e africanos foram os responsáveis pela sobrevivência e a construção dos primeiros povoados e, atualmente, ainda se mantém viva essa cultura. Ibraquera antes da chegada do turismo, conforme Damázio (2011, p. 514):

Naquela época, a Praia do Rosa era chamada pelos nativos do Porto Novo ou simplesmente de “Atrás do Morro”, não passando de um pequeno povoado de pescadores plantadores de mandioca, onde a vida escorria lenta por entre casinhas de madeira e engenhos de farinha, com telhados enegrecidos devido à fumaça do fogão a lenha; o banho era de gamela³ e as noites eram iluminadas por “pombocas” de querosene.

A agricultura familiar era a fonte de renda da maior parte das famílias. Os alimentos básicos era o pescado, farinha e a criação de animais domésticos para consumo. Os homens trabalhavam nas roças e na pesca, as mulheres além de cuidar da casa e dos filhos, também trabalhavam na lavoura e muitas pescavam siri, camarão e tiravam mariscos para o sustento da família. De acordo com Seixas (1999, p. 11):

A pesca era principalmente para subsistência, e o pescado era a principal fonte de proteína animal para os nativos, além de ajudar os homens nas roças, na produção de farinha de mandioca e açúcar, e às vezes, na pesca do siri. Os produtos agrícolas cultivados incluíam mandioca, milho, feijão, melancia, batata, aipim, cana-de-açúcar, arroz, alaluta [araruta], café e banana. Nessa

³ Vasilha em formato de bacia esculpida em madeira.

época havia um sistema de escambo entre as famílias. Por exemplo, trocavam açúcar por feijão, peixe por café, e peixe por farinha.

Ainda falando sobre a economia local, a produção da farinha de mandioca teve muita expressividade no município. A base alimentar era o pirão, colocar comida na mesa naquela época sem ter farinha era impossível. O peixe, a carne, a galinha tudo que era considerado o conduto dependia do pirão. Os pescadores, que trabalhavam nos ranchos de pesca nas praias, tinham seus ‘quinhões’ de peixes garantidos. A tainha e anchova eram escaladas⁴ e prensadas para o consumo durante o ano. Ainda falando sobre a economia de subsistência em Ibiraguera, Seixas (1999, p. 44) relata que:

... algumas vezes os pescadores transportavam o camarão em balaio, nas costas, para vender em Imbituba. Eles saíam de madrugada e faziam o trajeto pela praia a pé: cerca de 11 km e duas horas de caminhada. O peixe era raramente vendido, e geralmente, somente dentro das comunidades. Para conservar o peixe, muitas famílias simplesmente o secavam salgado ao sol ou o prensavam com sal nos tipitis, entretanto, o peixe era geralmente vendido fresco. O camarão era vendido tanto fresco como salgado e seco.

O plantio da mandioca era realizado em grandes roças e o processo exigia muita mão de obra, geralmente familiar. A farinha de mandioca era produzida utilizando os engenhos manuais e a força animal, atualmente os engenhos são movidos a motores elétricos.

A conclusão da BR 101 em 1970 e sua duplicação nos anos de 2000, levou o município de Imbituba a um novo patamar turístico. O início do processo de urbanização galopante que se mantém até os dias de hoje, um desafio para quem se identifica com o lugar e se dispõe a lutar pela preservação da cultura local e do meio ambiente. Rosiane Marli Antônio Damázio (2011, p. 19) ressalta que:

A BR 101 abriu caminhos e facilitou a vinda de turistas gaúchos para o litoral catarinense. Lugares como Garopaba e Ibiraguera, com suas exuberantes paisagens naturais, logo se tornaram um dos destinos preferidos daqueles que queriam fugir da correria das cidades. Junto com os turistas a rodovia trouxe as novidades próprias da modernidade, tanto em costumes quanto em artefatos tecnológicos.

⁴ Peixe salgado e secado ao sol.

Também é importante lembrar que além do turismo, as práticas da cultura da pesca artesanal ainda ganham destaque na sobrevivência de muitas famílias locais, o uso das tarrafas nas lagoas de Ibiraquera garante o sustento através da captura de peixe, siri e camarão.

Atualmente, o turismo representa uma das maiores fontes de renda, sendo objeto de investimentos públicos de ordem municipal. O incentivo cada vez maior ao turismo em Imbituba vem criando um novo discurso de exportação de imagens a ser propagadas e absorvidas para consumo, principalmente entre os habitantes do centro sul do país. A ampliação da rede de hotéis e pousadas e a oferta de serviços respondem a uma fase atual da cidade, marcada por diversificação de atividades e oferta de bens de lazer e cultura, (ALBUQUERQUE, 2014).

O desenvolvimento turístico deve ocorrer concomitante à preservação das belezas naturais das lagoas. É urgente, portanto, um olhar mais específico e criterioso para a relação estabelecida entre os setores turístico, jurídico, empresarial e a comunidade local referente aos impactos socioambientais e econômicos provocados pela carcinicultura no complexo lagunar de Ibiraquera.

2.2 Impactos ambientais nas águas lagunares de Ibiraquera

De forma mais contemporânea, a ampliação do fluxo turístico na região contribuiu para o aumento dos danos ambientais nas águas lagunares de Ibiraquera. A especulação imobiliária associada ao turismo, e a facilitação do acesso aos bens e serviços ambientais tem provocado o aumento de uma série de conflitos socioambientais nas lagoas de Ibiraquera. Neste contexto, FACCO *et al*, (2014, p. 191) ressaltam que:

...as cidades brasileiras, de maneira geral, sofreram transformações rápidas ocasionadas pelo acelerado crescimento das mesmas, o que nos faz observar muitos problemas de cunho urbano e ambiental, como a ocupação urbana dispersa e precária em áreas sem infraestrutura e ambientalmente frágeis, a especulação imobiliária e a degradação ambiental, somados à carência de aplicação e fiscalização da legislação vigente e à ausência de políticas públicas eficientes.

O turismo e a urbanização acelerados e desordenados, aliados a falta de atuação do poder público em relação a fiscalização e controle desses movimentos urbanos, provoca inúmeros

impactos danosos na microbacia da Lagoa de Ibiraquera, “infelizmente, o que se vê é que são poucos os esforços realizados pelos órgãos competentes para que a saúde da nossa lagoa seja de fato protegida”, desabafa a representante do Centro Comunitário de Ibiraquera, Maria Aparecida Ferreira (RSC PORTAL, 2019).

Este crescimento desordenado contribui de forma significativa para a degradação das lagunas. As construções indevidas, fossas fora dos padrões sanitários, drenagens de afluentes, aterramentos e destruição das matas ciliares no entorno das lagoas impactam na biodiversidade das lagunas, (GONÇALVES; SCHNEIDERS, 2020).

Existe duas alternativas para a abertura da Barra da Ibiraquera, naturalmente quando o volume de água excede a sua normalidade e rompe e a outra é artificial com máquinas, a pedido e combinado com os moradores e comerciantes locais. Lembramos que a abertura da Barra possibilita a entrada de animais marinhos e diminui a poluição em relação a contaminações provocados pelos esgotos e lixos que são fatores de preocupação para a comunidades e turistas, (GONÇALVES, SCHNEIDERS, 2020).

Em diálogo com Gonçalves e Schneiders (2020), Fabiano (2004, p. 53), afirma que “a abertura do canal da barra passou a ser cada vez mais influenciada pelo agravamento da poluição, ampliando, assim, o conflito turismo X pesca”,

Na figura 01 é possível observar as construções em Áreas de Preservação Permanente nas margens da lagoa de cima de Ibiraquera, que impactam o meio natural provocando; desmatamento, processos erosivos, contaminação do solo e águas. A referida imagem não representa apenas a lagoa de cima, infelizmente esta é a realidade das quatro (4) lagunas.



Figura 01: Construções indevidas nas margens da lagoa de cima, Ibiraquera - Imbituba
Fonte: Acervo próprio do autor, (2023)

O turismo passou a ser referência na economia do lugar, gerando preocupação aos moradores e pescadores locais, além da precária fiscalização dos poderes públicos em relação as construções indevidas em áreas de preservação, a poluição e a alteração da cultura local se tornam um fator de discussão.

Além dos impactos causados pela urbanização sem planejamento sanitário nos arredores das Lagunas de Ibiraquera, existe o criadouro de camarão, localizado nas proximidades da lagoa de cima. A fazenda de carcinicultura chamada Lagamar, localiza-se entre a Estrada Geral de Garopaba e o cemitério de Araçatuba. Os tanques foram construídos pelo Sr. Gilberto Petronílio de Souza no ano 2001, (FABIANO, 2004).

É importante salientar que antes da construção da fazenda de carcinicultura Lagamar na Lagoa de Ibiraquera, somente as três lagoas; a de baixo, a do meio e a do saco estavam inseridas na Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca. De acordo Fabiano (2004, p. 68):

Somente uma faixa da Lagoa de Ibiraquera encontra-se inserida atualmente na Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (o setor leste). A área onde foi instalada a fazenda escapa, portanto à área de abrangência desta Unidade de Conservação, tornando desnecessária - na opinião dos técnicos da FATMA

(órgão governamental responsável pela tutela ambiental) a anuência do Conselho Gestor da APA. No desenrolar do processo de licenciamento *os experts* da FATMA, da EPAGRI e do LCM desconsideraram as especificidades dos recursos hidrobiológicos - dinâmicos e de uso comum – na medida que não julgaram necessária a anuência por parte da APA da Baleia Franca para o licenciamento do empreendimento.

Em relação a implantação da fazenda de carcinicultura, não houve um debate efetivo envolvendo os interessados diretos: empresários, pescadores, moradores locais, associações comunitárias, gerando conflitos diversos. Sobre esse fato, Fabiano (2004, p. 83-84), destaca:

Tentativas de negociação sobre o conflito da carcinicultura foram iniciadas pela diretoria do fórum, e no dia 15/03/2003, a Plenária Ordinária do Fórum da Agenda 21 da Lagoa de Ibraquera, realizada no Centro Social e Comunitário da Associação dos Moradores da Limpa (AMOLIM), contou com a presença de dezenas de entidades e mais de cem pescadores, após os relatos dos pescadores denunciando na unanimidade dos depoimentos: que após a instalação da fazenda a lagoa não é mais a mesma; que a água está turva e com mau cheiro; que não se enxerga mais o fundo da lagoa; que o pescado diminuiu; que os dejetos da fazenda estão causando micose nos pescadores e banhistas; foi decidido pela totalidade dos presentes, sem voto contrário: a luta pela cessação imediata do funcionamento do criadouro de camarões.

A fazenda de camarão Lagamar, tem gerado muitos conflitos nas comunidades do entorno da lagoa e autoridades locais. Os impactos socioambientais são atribuídos à contaminação e poluição das águas lagunares de Ibraquera.

3. Área de estudo

O município de Imbituba – SC possui 184.787 Km², a densidade demográfica é de 219,59 hab./km² e população de 45.711 habitantes, (IBGE, 2021). O PIB do município é de aproximadamente R\$ 2,1 bilhões de reais, sendo que 69,4% do valor advém dos serviços (Porto Marítimo, onde recebe importação e exportação), na sequência aparecem as participações da indústria (14,7%), da administração pública (13%) e da agropecuária (2,9%), (CARAVELA, 2023).

O município é composto por três distritos, o Centro (sede), Vila Nova e Mirim, totalizando 30 bairros. Na figura 02 é possível observar o município de Imbituba – SC, com destaque para as lagoas de Ibiraquera, que em sua maior parte pertence ao próprio município e o restante ao município de Garopaba - SC.

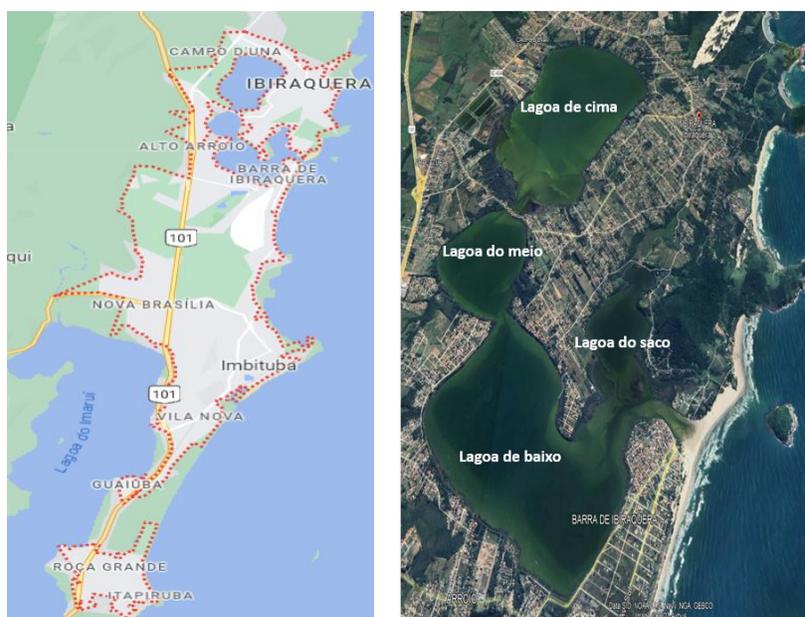


Figura 02: Município de Imbituba-SC e lagoas de Ibiraquera
Fonte: Adaptado a partir Google Earth, (2023)

O Bairro de Ibiraquera é rodeado por lagoas e mares, sendo as lagoas e a Praia do Rosa, pontos turísticos do município. Até a década de 1980 a comunidade era rural, as famílias viviam totalmente de uma economia de subsistência, baseada na pesca artesanal, nas lagoas e nas praias, lavoura de mandioca, milho, feijão entre outras culturas de plantio, juntamente com a criação de animais, (DAMAZIO, 2011).

As lagoas de Ibiraquera apresentam grande diversidade de espécies, estando diretamente ligada ao modo de vida e tradição das pessoas que nasceram e cresceram em seu entorno, sobrevivendo da pesca e da agricultura, (GONÇALVES e SCHNEIDERS 2020). Ainda para a autora supracitada, as lagoas são subdivididas em quatro (4) partes: lagoa de cima, lagoa do meio, lagoa do saco e lagoa de baixo, a qual faz ligação direta ao mar, através da Barra de Ibiraquera, (GONÇALVES e SCHNEIDERS 2020). De acordo com (Junior e Nunes, 2010), a barra da lagoa de Ibiraquera é Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca.

3.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa e apresenta uma análise descritiva e interpretativa das narrativas relacionadas as memórias dos entrevistados. Através dos depoimentos foi obtido importantes informações para compreendermos com maior especificidade a realidade vivenciada pelos moradores e pescadores dos arredores das lagoas de Ibiraquera.

Foram entrevistados 10 moradores do entorno das lagoas da Ibiraquera 5 (cinco) mulheres e 5 (cinco) homens, entre os dias 02 e 20 de maio de 2023. As entrevistas foram abertas e os depoentes identificados apenas pelas iniciais de seus nomes. Os entrevistados fizeram suas narrativas espontaneamente a partir das observações recentes em relação as transformações das águas das lagoas de Ibiraquera, ocorridas há várias décadas. A faixa etária dos entrevistados é de 50 a 93 anos, todos são moradores do entorno das lagoas e pescadores locais.

A escolha dos entrevistados se deu em decorrência das vivências e conhecimentos que os depoentes possuem sobre as lagoas da Ibiraquera e suas transformações, tanto do passado como no presente. Além disso, os entrevistados fazem parte do convívio do pesquisador desde sua infância. A faixa etária escolhida decorreu das experiências em relação a pesca. Em relação a escolha de depoentes com a faixa etária acima dos 50 anos, é devido aos mais jovens estarem inseridos no mercado de trabalho.

Além das entrevistas e fotografias das lagoas de Ibiraquera, realizou-se levantamentos bibliográficos de trabalhos acadêmicos e referenciais teóricos acerca do tema meio ambiente, urbanização e suas transformações.

4. Transformações na lagoa de Ibiraquera, pela percepção dos moradores locais

Depois de toda construção empírica e teórica desenvolvida ao longo deste estudo é oportuno e, também, necessário dar voz aos moradores e pescadores locais, que evocam questões pontuais acerca das transformações que as lagoas de Ibiraquera vem sofrendo nas

últimas décadas. Durante o trabalho de construção empírica tivemos a oportunidade de conversar com pessoas generosas, dispostas a contribuir com a concretização da pesquisa.

Através do diálogo com os moradores e pescadores locais de Ibiraquera e seus arredores, foi possível um olhar mais específico em relação a questão socioambiental e os impactos causados às lagunas de Ibiraquera. Percebemos nas narrativas dos entrevistados a preocupação em relação a situação vivida pela lagoa e os impactos que isso provoca na vida local.

Referente a trajetória e as memórias das vivências dos moradores e pescadores da comunidade de Ibiraquera, Janaína Amado ao versar sobre o processo de formação das memórias aponta que:

Nossas memórias são formadas de episódios e sensações que vivemos e que outros viveram. [...] Às vezes, indivíduos e grupos apropriam-se de vivências antigas, anteriores, experimentadas não apenas por eles ou por seus contemporâneos, mas também por antepassados, por gente que viveu antes deles, em outras épocas, (AMADO, 1995, p. 132 - 133).

Nesse sentido, recorreu-se as memórias de moradores e pescadores das comunidades bem como do entorno, buscando por meio das narrativas identificar as ações causadoras dos impactos socioambientais das lagunas de Ibiraquera.

Além da fazenda de carcinicultura na lagoa de cima os entrevistados também realizaram observações acerca da influência dos impactos turísticos, causados nas águas lagunares. Segundo a moradora local Sra. M. T. G. (68 anos): “além do criadouro do camarão, tem muitas casas nas costas das lagoas e quando a barra da Ibiraquera enche as fossas transbordam, indo para as águas, poluindo também”.

Os depoentes observam que a falta de planejamento urbano e saneamento básico na região lagunar de Ibiraquera, também são fatores pertinentes em relação a poluição das águas das lagunas. A Sra. S.S.T. (93 anos) relata:

Com a idade que tenho acompanhei toda a transformação das nossas lagoas, eu pescava siri e tirava berbigão, mas temos que falar a verdade, a nossa lagoa começou a ficar ruim também, depois que construíram todas essas casas nas beiras das costas, pois começaram a desmatar e as águas começaram a ficar preta em algumas partes. O berbigão sumiu, e os siri mole não aparecia mais

como antes. No meu sentido, além das fossas e desmatamento esse cativoiro acabou com o resto.

Portanto, afirmar que a única causa de poluição nas águas das lagoas de Ibiraquera é a fazenda de carcinicultura, difere de alguns relatos dos moradores e pescadores entrevistados. De acordo com as entrevistas, 40% dos depoentes relatam que o cativoiro não é a única causa de poluição, existe também outros fatores como; falta de um sistema adequado de tratamento de esgoto, construções ilegais, e assoreamento dos rios que influenciam nas águas das lagoas de Ibiraquera. Já 60% dos entrevistados relatam que a fazenda de carcinicultura é o responsável direto da degradação das lagoas. Deixando claro que 100% dos depoentes, atribuem responsabilidade da degradação das águas lagunares ao criadouro do camarão / Lagamar.

Atualmente o ambiente lagunar da Ibiraquera sofre uma grande pressão pela urbanização devido ao turismo, que crescendo de forma desordenada, pondo em risco esse ambiente pela exploração imobiliária inconsequente, (GONÇALVES; SCHNEIDERS, 2020).

Já a Sra. T. M. F. T. (58 anos), moradora de Ibiraquera, lembra dos tempos em que pescava: “me criei pescando siri mole na costa da lagoa, nós usávamos faixa de bambu e bem rápido enchíamos um balaio de siri, hoje não conseguimos nem entrar na lagoa devido a lama. A poluição se deu devido as fossas e o criadouro de camarão acabou com o resto”.

É importante enfatizar que os depoentes destacam que além da influência turística na região lagunar a fazenda de carcinicultura acentuou os impactos poluentes nas lagoas de Ibiraquera. Segundo O Sr. J. G. (82 anos), pescador do bairro de Araçatuba:

Me criei atrás da lagoa de cima da Ibiraquera, numa família de pescadores, ajudei criar meus irmãos e filhos na pesca. Havia muita fartura, toda noite enchíamos um balaio de todos os tipos de peixes; carapeva, tainha, linguado, anchova, bagre, robalo, savelha era todos os tipos. E tinha noite que nós íamos só pra pegar camarão, pegava acima de dez quilos. Nossa lagoa era uma fartura, [fala com saudosismo]. Depois que foi construído esse cativoiro de camarão nossa lagoa só tem lama e peixe magro. Podemos passar a noite toda pescando que não se pega nem um quilo de camarão.

É perceptível na fala do Sr. J. G. a angústia diante da depredação ambiental das lagoas de Ibiraquera. Ele ainda completa: “há três anos atrás o cativoiro foi fechado. As águas já estavam claras e os peixes que entravam estavam se desenvolvendo como antes. O gosto do

pescado melhorou. Mas infelizmente abriram novamente os tanques e agora é só lama.” Segundo o entrevistado o motivo do fechamento durante um ano da fazenda Lagamar, foi devido ao falecimento de um dos proprietários.

Outro depoimento importante é do Sr. E. T. (63 anos) ao vivenciar a situação em que se encontra a lagoa, o morador e pescador da Ibiraquera relata: “quando a barra abre entra muito camarão e peixe, mas não se cria, como se criava antes, a poluição e a água poluída não permitem. A água tem uma crosta devido o criadouro do camarão”.

A lagoa de Ibiraquera é conhecida e demarcada pelos portos ou ranchos de canoas dos moradores locais. A Figura 03 retrata o porto da família do Sr. M. C. localizado no final da lagoa de cima. O lugar era utilizado para pesca e lazer, havia uma coroa⁵ com areia branca e limpa por toda costa lagunar. A maioria das famílias do entorno utilizava este espaço para banho e pesca de siri e camarão à noite.

⁵ Areia firme, branca e rasa nas margens das lagoas.



Figura 03: Rancho de canoa - Lagoa de Cima, Ibiraquera – Imbituba / SC
Fonte: acervo próprio do autor, (2023)

Atualmente o acesso nesse espaço da lagoa é impossível, a lama atinge a cintura das pessoas. Segundo o Sr. E. F. (58 anos): “construí esse deck (figura 03) para colocar a canoa para pescar, se não for assim me enterro na lama. Depois de um ano da construção do cativeiro, a lagoa começou a ficar com um óleo, uma crosta e a lama começou cobrir as coroas da lagoa”.

Além de relatos dos pescadores da lagoa de Ibiraquera em relação aos impactos ambientais causados pelo cativeiro de camarão, estudos científicos contemporâneos respaldam tais percepções e narrativas, podendo citar Berreta (2007, p. 20), quando escreve que:

As fezes dos camarões e outros desperdícios metabólicos aumentam a concentração de nutrientes na água dos viveiros, estimulando o crescimento do fitoplâncton. Os efluentes dos viveiros de criação de camarão são, portanto,

eutróficos, isto é, ricos em nutrientes, especialmente nitrogênio e fósforo, e têm concentrações elevadas de matéria orgânica particulada resultante do plâncton vivo e deteriorado. Além disso, durante o cultivo, pode ocorrer a erosão das margens dos viveiros, aumentando a concentração de sólidos suspensos, intensificados também pela suspensão do sedimento pela aeração mecânica e pela drenagem dos viveiros durante a despesca. Com isso, os efluentes gerados passam a ser fontes potenciais de poluição por excesso de nutrientes, do enriquecimento orgânico, da turbidez e dos sedimentos em água litorâneas e, por isso, obviamente, a sua descarga indiscriminada pode causar eutrofização no corpo receptor. Esses impactos podem reduzir o valor dos ecossistemas litorâneos para outros usos e adversamente afetar a flora e a fauna nativa.

Neste sentido, compreendemos a preocupação dos moradores, pescadores e lideranças locais em relação a poluição das lagunas de Ibiraquera. As águas dessas lagunas estão sendo degradadas, devido a diversos fatores como foi mencionado pelos entrevistados; falta de saneamento básico, planejamento urbano, conscientização ambiental e principalmente a fazenda Lagamar que deposita seus afluentes desenfreados nas águas da lagoa. Ou seja, nas narrativas dos depoentes o funcionamento da fazenda de carcinicultura e os impactos socioambientais causados pela influência turística estão relacionados à degradação e poluição do ecossistema em questão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desse artigo foi tentar compreender o significado que a urbanização acelerada e o turismo exercem sobre as Lagunas de Ibiraquera e seus entornos. O trabalho procurou, ao ouvir a comunidade local, construir diálogo entre o debate teórico que contempla a temática e os horizontes socioambientais da comunidade.

Além das considerações acerca do povoamento da região litorânea no início da pesquisa, o trabalho procurou fazer emergir aspectos relacionados à economia local e de subsistência da comunidade de Ibiraquera.

A pesquisa apresenta, também, preocupações em relação aos impactos ambientais provocados por um conjunto de fatores; crescimento desordenado acompanhado pela insuficiência de fiscalização através dos órgãos competentes, falta de políticas de saneamento

básico, drenagens de afluentes, aterramentos, destruição das matas ciliares e o criadouro de camarão que impacta na biodiversidade das lagunas.

Em síntese, o trabalho permitiu perceber que é preciso pensar a curto e médio prazo, como preservar a saúde das lagunas de Ibiraquera. Diante desse cenário, é preciso maior fiscalização dos órgãos competentes para que haja maior controle das irregularidades, desenvolvimento do turismo sustentável ecologicamente correto e atuação das entidades locais em diálogo constante com os moradores e o poder público, para a preservação das lagunas de suas belezas naturais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Mauricélia Teixeira de. **Negros em Garopaba - SC: Experiência Quilombola nas Comunidades da Aldeia e do Morro Do Fortunato**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2014.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: **tradição, veracidade e imaginação em história oral**. História, n° 14 – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, UNESP, 1995, p. 125 – 136.

BERRETA, Márcia Dos Santos Ramos. **A qualidade das Águas da Lagoa do Imaruí e dos efluentes da carcinicultura** – Laguna, Sc. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto De Geociências, Mestrado em Geografia, Porto Alegre, RS, 2007.

BUENO, Ayrton Pontilho. **Patrimônio paisagístico e turismo na Ilha de Santa Catarina: A premência na paisagem do desenvolvimento sustentável da atividade agrícola**. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Doutorado em Arquitetura e urbanismo, São Paulo, 2006.

CARAVELA. **Dados e Estatísticas. Imbituba – SC**. Disponível: [https://www.caravela.info/regional/imbituba---sc#:~:text=O%20PIB%20da%20cidade%20%C3%A9,agropecu%C3%A1ria%20\(2%2C9%25\)](https://www.caravela.info/regional/imbituba---sc#:~:text=O%20PIB%20da%20cidade%20%C3%A9,agropecu%C3%A1ria%20(2%2C9%25).). Acesso 04/06/2023.

DAMÁZIO, Rosiane Marli Antônio. **Turismo, urbanização e preservação ambiental: conflitos produzidos a partir do processo de implantação de uma reserva extrativista (RESEX) entre os municípios de Garopaba e Imbituba (SC)**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2011.

_____. Damázio Marli Antônio. **Desafios da urbanização turística no entorno da Lagoa de Ibiraquera – Garopaba e Imbituba/SC: permanências e hibridações.** 2011. Artigo – Anais do Seminário Internacional da História do Tempo Presente - Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC, Florianópolis, 2011.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FABIANO, Roberto Bruno. **Conflitos socioambientais e gestão integrada e sustentável de recursos pesqueiros:** Estudo de caso sobre a atividade de carcinicultura na área da Lagoa de Ibiraquera (municípios de Imbituba e Garopaba, S.C). 2004. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Mestrado em Sociologia, Florianópolis, 2004.

FACCO, Janete; FUJITA, Camila; BERTO, James Luiz. **Agroindustrialização e Urbanização de Chapecó - SC (1950 – 2010):** uma visão sobre os impactos e conflitos urbanos e ambientais. REDES – Revista Desenvolvimento Regional, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 1, jan/abr 2014, p. 187 - 215.

FARIAS, Vilson Francisco de. **De Portugal ao Sul do Brasil 500 anos –** História, Cultura e Turismo. Florianópolis: Ed. do autor, 2001.

GONÇALVES, Tainá de Carvalho; SCHNEIDERS, Agostinho. **A Relação entre a qualidade da Água da Laguna de Ibiraquera - SC, e o turismo da região a partir da década de 1970.** 2020. Artigo (Graduação) - Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Graduação em Geografia, Tubarão, 2020.

IBGE. **Sinopse do censo demográfico.** 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=42&dados=0>. Acesso em: 30 abril, 2023.

KNORST, Patrícia Andréa Rauber. **Repensando alguns traços históricos de Joaçaba:** Unoesc & Ciência – ACHS, 2011.

LUCIANO, G. J. S. **O índio brasileiro:** o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: SECAD/MEC; LACED/ Museu Nacional, 2006.

MARTINS, Manoel O. **Imbituba história e desenvolvimento.** Imbituba: Ribeiro, (2ª edição). 1971.

NEU, Márcia Fernandes Rosa. **Porto de Imbituba:** De Armação Baleeira a Porto Carbonífero. Tubarão: Unisul, 2003.

PIAZZA, Walter F. **A Colonização de Santa Catarina.** Florianópolis: Lunardelli, 1994.

RSC PORTAL. **Lagoa de Ibiraquera está sob ataque:** impresso catarinense denuncia ocupações em áreas sensíveis de Ibiraquera. 2019. Disponível em:

<https://www.rscportal.com.br/artigo/lagoa-de-ibiraquera-esta-sob-ataque>. Acesso em: 30 abril. 2023.

SEIXAS, Cristiana Simão. **Ibiraquera**: A lagoa, a pesca, uma história. Grupo de Pesquisa “Conservação e Gestão Participativa de Recursos de Uso Comum” (org.). Unicamp, 1999.

VALENTIM, Manoel. **História de Garopaba da armação baleeira a comarca**. Garopaba, SC: Gráfica Garopaba, 2007.